

**IV PROJETAR 2009  
PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA  
FAU-UPM SÃO PAULO BRASIL  
Outubro 2009**

**EIXO: PROPOSIÇÃO**

**A CRÍTICA É UM PROJETO CONTEMPORÂNEO**

Maria Isabel Villac

Arquiteta / Professora / FAU Mackenzie  
belvillac@mackenzie.br

# **A CRÍTICA É UM PROJETO CONTEMPORÂNEO**

---

## **Projeto como investigação**

### **Eixo/Atitude: PROPOSIÇÃO**

Palavras-Chave: / Conceito / Corpo / Forma / Matéria

#### **Resumo**

Este texto aborda relações entre crítica e projeto de arquitetura no Brasil. Propõe uma aproximação da crítica à produção arquitetônica, para indagar sobre o sentido do projeto moderno e contemporâneo de arquitetura identificado com uma determinada maneira de conceber o espaço e formular, para a crítica, um elo solidário à produção arquitetônica que afirma este projeto.

Esta crítica, que se propõe ser construída a partir de uma solidariedade com as características inerentes à arquitetura, identifica discursos sobre:

- a concepção da modernidade como raciocínio;
- o estado de contemporaneidade universal contextualizado pela cultura e pelos problemas locais;
- a arquitetura proposta como experiência no espaço;
- a construção da cidade;
- a busca de identidade entre técnica, estética e ética;
- a experiência corporificada da arquitetura.

#### **Abstract**

This text approaches critics and project in the architecture of Brazil. It considers the approach as an opportunity to inquire on the direction of the modern and contemporary project of architecture. The solidarity between critics and project identifies thoughts about:

- the conception of modernity as a way of reasoning;
- the contemporary time by the culture and the local problems;
- the architecture proposal as experience in the space;
- the construction of the city;
- the search of identity between technique, aesthetic and ethical;
- the corporeal experience of the architecture.

# **A CRÍTICA É UM PROJETO CONTEMPORÂNEO**

---

## **Projeto como investigação**

### **Eixo/Atitude: PROPOSIÇÃO**

#### **Resumen**

Este texto discute las relaciones entre la crítica y el proyecto de la arquitectura en el Brasil. Propone un acercamiento de la crítica a la producción arquitectónica para investigar los sentidos del proyecto moderno y del proyecto contemporáneo de la arquitectura, en lo que respeta a una determinada manera de concebir el espacio. Intenciona formular una relación de solidaridad entre la crítica y la producción arquitectónica.

La relación que se propone identifica discursos acerca de:

- el concepto de modernidad como razonamiento;
- el tiempo contemporáneo matizado por la cultura y las cuestiones del lugar;
- la arquitectura que se propone como experiencia en el espacio;
- la construcción de la ciudad;
- la búsqueda de la identidad entre la técnica, lo estético y lo ético;
- el cuerpo como experiencia primaria de la arquitectura.

# A CRÍTICA É UM PROJETO CONTEMPORÂNEO

---

## Projeto como investigação

### Eixo/Atitude: PROPOSIÇÃO

«Em lugar de uma hermenêutica, necessitamos uma erótica da arte.»

Susan Sontag, 1964.

## PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

### Introdução

A construção do pensamento ocidental é por tradição a dualidade. Seja na formulação do tempo da História quando a modernidade racionalista defendeu uma ordem única, legisladora de uma máquina perfeita atuante na escala universalista das totalidades — o *cogito* cartesiano, a razão totalizadora. Seja quando, em oposição, a pós-modernidade discute esta dimensão e trabalha com a desintegração e a disjunção do que se desgarrava de uma formalização engrenada, para atuar na escala do fragmento.<sup>1</sup>

A polêmica entre modernidade e pós-modernidade divide o raciocínio sobre o mundo entre racionalistas e irracionais, universalistas e relativistas, e esvazia de sentido o momento contemporâneo porque são pensamentos simplistas e redutores da realidade. Um porque apaga a diferença, outro porque não vê mais que a diferença. Ambos são reduções a uma unidade simples.

O mundo dividido em dois equívocos simétricos mantém a relação sujeito/objeto dentro de um conceito e uma experiência unidimensional e serve à posição "científica" acerca da natureza do real e do conhecimento, na qual o objeto de estudo é determinado e o sujeito está afastado do processo, precisamente é indescritível segundo os critérios do objetivismo. Não há reciprocidade entre um e outro e os aspectos plurais do pensamento e da experiência se reduzem.

O pensamento simplista é incapaz de conceber a conjunção do um e do múltiplo; ou unifica abstratamente anulando a diversidade ou justapõe a diversidade sem conceber a unidade. O conhecimento, assim limitado, se organiza de forma mutilada e a razão se degrada, entra em crise, incapaz de reconhecer e de apreender a complexidade do real.

O olhar crítico quando aceita o mundo cindido entre verdade moderna e ironia pós-moderna, universalidade e saber fragmentário, e tem o marco de referência científico como postulado, ou seja, quando se estrutura sobre a tradição e a memória comuns da crise da razão, busca ser um texto unificador que recusa a experiência como ato privado, nostálgico e sem transcendência coletiva<sup>2</sup>. Esta negatividade apaga a idéia e a possibilidade do projeto, enquanto consciência e ação intersubjetiva do sujeito com o mundo. Consciência como possibilidade de construção de uma racionalidade significativa, pois, como afirma Maurice

# **A CRÍTICA É UM PROJETO CONTEMPORÂNEO**

---

## **Projeto como investigação**

### **Eixo/Atitude: PROPOSIÇÃO**

Merleau-Ponty, “Não há consciência que não seja sustentada por seu engajamento primordial na vida e pelo modo desse engajamento” (A dúvida de Cézanne, 1945).

#### **Renovar a relação sujeito/objeto**

Para a Arquitetura o sistema lógico é insuficiente, já que a forma não é a existência do objeto como "coisa" e o espaço não é um todo isótropo e homogêneo.<sup>3</sup> Com o objetivo de questionar a maneira científica, como única forma do pensar a Arquitetura e de estruturar o conhecimento submetido à estrita divisão entre totalidade e fragmentação, sujeito que conhece e objeto que se deixa conhecer, uma forma crítica e contemporânea de abordar o tema necessita um olhar que se dirija à Arquitetura como um sistema integrado de relações.

O método científico, que pensa estruturas de realidades delimitadas e um sistema de comunicação seguro, é insuficiente para a compreensão da Arquitetura porque não capta a riqueza interna das relações que a obra estabelece com o real. A objetividade permite apresentar o domínio que a obra estabelece com a técnica, com as realidades. No entanto, impede a participação nas mesmas, obstaculiza a fundação de tramas e inter-relações e, sem a sensibilidade, a Arquitetura deixa de ser o lugar vivente de instauração de um campo de presença.

Para a compreensão de seus sentidos, a Arquitetura não pode ser apresentada segundo a objetividade da ciência e não pode ser considerada opção figurativa para a representação simbólica de uma teoria ou uma doutrina. Se o objeto arquitetônico é instrumento de expressão de um discurso, a importância da obra é função do prestígio da teoria em que se inscreve. Se a arquitetura considera irrelevante a experiência da relação forma/espaço, não se pode falar de Arquitetura, senão de comentário, de metalinguagem ou até mesmo de violação e artigo de uso.<sup>4</sup>

A melhor crítica necessita então aproximar-se da aparição da obra no cenário das demais obras de arte e sua transparência. Ou seja, a transparência supõe revelar os sentidos que pertencem à obra, e não os que ficaram aderidos por capas de interpretação de conteúdos latentes. A transparência sugere apreciar o vocabulário das formas, experimentar a visualização e experiência inerente à obra: a espacialidade da obra em si, aguçar sua realidade e, em consequência, a realidade mesma dos próprios sentidos. A melhor crítica necessita, antes de tudo, "habitar" a experiência sensorial da obra de arte.<sup>5</sup>

O desejo de recuperar a tensão entre a formulação teórica, a ação e o conhecimento — entre texto, ato e reflexão — como estímulo à atividade projetual exige opor a uma crítica doutrinária — objetiva, universal, supracultural —, um juízo estético — subjetivo, particular e culturalmente determinado. Se se introduz o aspecto da subjetividade, a Arquitetura

# **A CRÍTICA É UM PROJETO CONTEMPORÂNEO**

---

## **Projeto como investigação**

### **Eixo/Atitude: PROPOSIÇÃO**

recupera a tensão que a submete a uma dialética entre oposições, cuja apreensão estética é sua base fundamental, em tanto que prática artística.

#### **Aprender com a obra**

A crítica deve renunciar ao princípio de autoridade e incentivar o princípio da experiência. Sugerir a busca de um procedimento ou abordagem metodológica que transforma a leitura e a interpretação em um exercício que se constrói em um “estabelecer” uma relação dialética contínua com a obra. Como um dos registros possíveis, a crítica proposta como ato de co-participação se reporta e este aspecto criativo da aproximação à obra arquitetônica, que se justifica pela busca comum entre a unidade substancial que orienta o ato do projeto arquitetônico e que, posteriormente, poderá conduzir o projeto crítico: a experiência da Arquitetura. Mais adequadamente, a leitura dos sentidos da obra, através da participação criativa no jogo estético,<sup>6</sup> que traduz a perspectiva do "habitar" a Arquitetura.

A construção de um novo olhar para o exercício da crítica considera e desenvolve o método de projeto,<sup>7</sup> como chave para uma mais ampla episteme<sup>8</sup> arquitetônica, e enfoca um aspecto pouco explicado da experiência da Arquitetura: a prática do ensino e o exercício profissional ilustram que, no processo de projeto, o domínio da ação supõe não só interpretar, senão também "habitar" o espaço que se projeta.

O que significa que o indivíduo conhece o valor da clareza, da ordem, que é uma conquista humana, mas o considera insuficiente para programar o descobrimento, o conhecimento e a ação integrada no binômio forma/espaço. Como dizer: o ato de projeto exige uma intenção formativa do sujeito em relação ao objeto e, simultaneamente, uma maior compreensão do exercício da arquitetura diante da vida já que o conceito "habitar" pressupõe que sujeito e objeto são constitutivos um do outro. Esta simultaneidade entre o discurso — em tudo o que é sua precisão metodológica — e a intimidade e fluidez do "habitar" estabelece uma relação de diálogo entre um modo de "pensar" e um modo de "estar" na Arquitetura.

O projeto arquitetônico — considerado como integração entre discurso, ação e experiência — é a consideração destas instâncias do "pensar" e "estar" como processo integrado, e se constitui em um sistema "auto-eco-organizador"<sup>9</sup> que vai recobrando o objeto de complexidade em complexidade, e que não é outro senão o pensar e viver a relação sujeito-objeto. A força do projeto arquitetônico adquire realidade na obra. A obra revela as marcas e a extensão da comunicação entre sujeito e objeto. As características humanas emergem na complexidade da obra. O esforço teórico de trabalhar sobre a relação sujeito/objeto na arquitetura trabalha, ao mesmo tempo, sobre a relação entre o investigador e o objeto de seu conhecimento.

# A CRÍTICA É UM PROJETO CONTEMPORÂNEO

---

## Projeto como investigação

### Eixo/Atitude: PROPOSIÇÃO

A crítica que se mostra como investigação dos fundamentos da Arquitetura como diálogo entre "pensar" e "estar" se dirige à obra com a mesma indagação. O investigador "indaga" a obra desde seu horizonte histórico, que é a pergunta que a obra propõe ao sujeito que "habita" a obra. Ao admitir um estatuto próprio, tanto para a obra como para a forma básica de investigação, a crítica se aproxima da obra arquitetônica desde dois planos interpretativos simultâneos: o plano da objetividade, que se poderia denominar *enunciado* e que compreende as memórias dos projetos, os escritos sobre a obra, os discursos do arquiteto e todas suas referências, o horizonte histórico que origina a obra; e o plano da *enunciação*, vinculado às relações intersubjetivas que existem entre a obra e o intérprete, que explicam os laços entre a obra, o mundo da história e o contexto cultural.

Conhecer a obra significa traduzir as realidades do mundo exterior e defini-las como co-produtoras de uma interpretação teórica / metodológica / epistemológica. É precisamente essa co-produção a que proporciona a objetividade da obra. Mas a objetividade concerne igualmente à subjetividade, logo, o conhecimento supõe uma reação entre o conhecedor e o conhecido, que equivale a uma organização vivente, aberta e fechada.

O enfoque do investigador e sua explicação no texto crítico abrem perspectivas que englobam o reconhecimento dos propósitos da obra e as interpretações que a configuração convoca. Isso permite interrogar a obra, não só como objeto de investigação, mas como fenômeno e movimento constituinte da própria investigação. O investigador, em consequência, mantém seu olhar interrogante aberto, desprovido de um "juízo a priori"; o objeto mesmo permanece aberto, por uma parte pelo sujeito que investiga, por outra parte sobre seu ambiente que, por sua vez, se abre obrigatoriamente e continua se abrindo no tempo.

O texto crítico surge assim como "projeto crítico do olhar do arquiteto". Como horizonte e relatividade que se instala no meio da transformação daquilo que se percebe e se compreende como questão,<sup>10</sup> que deverá desenvolver-se dentro da experiência de processo de projeto que é, para o arquiteto, a mesma experiência da espacialidade da Arquitetura.

## O VALOR DO PROJETO NO BRASIL

«[...] la recuperación de la identidad cultural como discurso capital se ha mostrado, en la tradición de la modernidad, como el momento de lo que se denominaría crisis [...] Ninguna identidad cultural se presenta como un cuerpo opaco de un idioma intraducible, sino siempre como la irremplazable inscripción de lo universal en lo singular [...] Cada vez, la ejemplaridad del ejemplo es única.»<sup>11</sup>

# **A CRÍTICA É UM PROJETO CONTEMPORÂNEO**

---

## **Projeto como investigação**

### **Eixo/Atitude: PROPOSIÇÃO**

A construção de uma crítica apropriada à contribuição da Arquitetura Moderna no Brasil implica em problematizar a situação acrítica, averiguar e fazer a crítica das principais linhas de pensamento que moldaram uma compreensão sobre a produção arquitetônica, mas, principalmente, reconhecer e fazer a crítica ao vigor potencialmente produtivo da produção a partir dos anos de 1930 para a arquitetura contemporânea. O momento contemporâneo, que atesta a fragmentação, a desarticulação e a padronização da imagem urbana, o domínio da cultura massificada como criadora de uma imagem plana que tem na arquitetura a forma mais evidente de sua materialização, merece uma crítica que resista à passividade mercadológica e prontamente cheia de valores esteticistas da cidade-espetáculo.

Esta crítica pode ser construída a partir de uma solidariedade com as características inerentes à arquitetura no Brasil que, identificada com seu momento histórico, não assume o simples papel de receptora de imagens, mas a expressão de um caráter crítico, intrigante e passível de interpretações. Essas características, não tão somente modernas, mas, em algumas obras já inseridas na pós-modernidade, revelam procedimentos complexos de criação que podem aguçar o olhar e serem estudados como possíveis fundamentos de uma crítica contemporânea. A saber:

**A concepção da modernidade como raciocínio e o estado de contemporaneidade universal contextualizado pela cultura e pelos problemas locais;**

**A busca de identidade entre técnica, estética e ética;**

**A experiência corporificada da arquitetura proposta como experiência no espaço;**

**A construção da cidade.**

## **CRÍTICA E PROJETO**

«O conhecimento individualizante é sempre antropocêntrico, etnocêntrico. [...] Essas formas de saber [...] não eram apreendidas nos livros mas a viva voz, pelos gestos, pelos olhares; [...] constituíam o patrimônio, em parte unitário, em parte diversificado, de homens e mulheres pertencentes a todas as classes sociais. Um sutil parentesco as unia: todas nasciam da experiência, da concretude da experiência.»<sup>12</sup>

**A concepção da modernidade como raciocínio e o estado de contemporaneidade universal contextualizado pela cultura e pelos problemas locais**

A construção de uma modernidade contemporânea, não só ao espírito da época mas também solidária ao espírito local, marca uma periodização nas manifestações culturais no Brasil. O importante é a continuidade dentro da descontinuidade histórica, já que a questão

# **A CRÍTICA É UM PROJETO CONTEMPORÂNEO**

---

## **Projeto como investigação**

### **Eixo/Atitude: PROPOSIÇÃO**

da construção e / ou crítica da questão brasileira permanece como um substrato que ampara e alimenta a criação estética.

O tema da superação do colonialismo tem um papel social; demonstra um desejo de modernização sócio-cultural nos moldes da “revolução burguesa” e possui um sentido histórico criador: cada vez que reaparece, sua dimensão de universalidade se amplia e a discussão da dependência e do arcaísmo ganha complexidade. Isto porque o Projeto mantém-se atado a uma intenção primeira, persevera como empenho em aclarar o fundamento da liberdade que orienta a ação. Isto significa que, independente do processo de expressão ser objetivo ou intuitivo, está de início convocado um desejo de emancipação, uma intenção, uma exigência que tem consciência da imutabilidade dos determinismos e da mutabilidade das relações e que se mantém alerta ao não adormecimento do desejo original.

A crítica de arquitetura, embora ainda ancorada, por oposição ou afirmação, no Projeto Modernista, tem aprofundado pouco o tema, talvez porque este não se explicita abertamente em textos e escritos dos arquitetos. Mas a ação crítica, inquieta e insubmissa, está presente na arquitetura e é uma interrogação que propõe um enfrentamento à opacidade que tolhe a construção de uma democracia social e impede o conhecimento. A atitude crítica, frente à submissão da maior parte da produção aos modelos estabelecidos e à ortodoxia, está incorporada nas obras da “boa” arquitetura como oposição. A questão da permanência desta questão, não considerada a partir de uma visão evolutiva da História, mas, analisada do ponto de vista da ideologia da superação do atraso endêmico, em contraposição à ideologia da globalização e do espetáculo, não se configura como uma interpretação esquemática, mas mostra que a redução cultural a uma “realidade brasileira” parece apontar, a partir da Antropofagia, para um Projeto em expansão gradual de seus próprios limites.

### **A busca de identidade entre técnica, estética e ética**

O projeto da arquitetura de “raízes brasileiras” é contrário a uma redução de seus sentidos a um princípio racional de eficácia instrumental, porque nasceu da inventividade que orienta sua ação projetiva<sup>13</sup>. Não se pode, portanto, estabelecer generalizações positivistas para esta disponibilidade técnica porque, embora a objetividade, algumas vezes retórica da técnica, esteja presente, o valor semântico se compreende fundamentado pela intenção poética que a realiza.

Isto porque como técnica, a arquitetura preserva sua raiz construtiva e se atualiza. Como arte, admite novos sentidos e reivindica uma nova maneira de pensar os significados

# **A CRÍTICA É UM PROJETO CONTEMPORÂNEO**

---

## **Projeto como investigação**

### **Eixo/Atitude: PROPOSIÇÃO**

civilizadores e culturais e as complexidades do real. O arco intencional, que se revela no traço individual da obra em constante movimento de atualização de sentidos, ensina que a espacialidade arquitetônica é uma condição de existência. Porque a correspondência e a dependência mútua entre conhecimento técnico e interesses do mundo da vida se referem ao processo emancipador e autoconstitutivo do gênero humano, ou seja, a técnica é uma conquista humana imprescindível e a arte é um valor da vida, um princípio orgânico e vital. A obra revela esta beleza do propósito de humanidade contido nas ações, que é essa disposição em que a referência do sujeito à objetividade enraíza e torna sensível o Projeto.

As arquiteturas comprometidas com a realidade onde se inserem não se permitem a cristalização em um único nível de consciência e estimam que na racionalidade há sempre algo que, em constante mutação, está ainda por fazer. Esse atuar na potencialidade do novo amplia a visibilidade da obra como ação transformadora e como estratégia de emancipação ancorada na exaltação da vitalidade; como consciência histórica e perspectiva de futuro e ideal de fraternidade; como manifestação generosa, produtiva e temporal da arquitetura. E é esta intenção de convocar a vida como princípio da genealogia da imaginação na construção da realidade habitável que vitaliza a forma abstrata.

### **A experiência corporificada da arquitetura proposta como experiência no espaço**

A lição básica da arquitetura comprometida com o Brasil conecta o significado arquitetônico e a experiência corporificada através da configuração complexa do espaço, ao invés da simples aceitação do significado de arquitetura como um efeito racional. Sua caracterização vai além das limitações da representação geométrica; envolve, além das formas, também texturas, matérias, cores, luz, sombra e escalas, memória, desejo, crítica, celebração, e exige que a percepção fenomenológica do espaço se instaure. A expressão “ver com olhos livres”<sup>14</sup> adquire consistência e reafirma a condição perceptiva que se refere à uma abertura ao inesperado e que não admite categorizações a priori. O edifício está longe de ser descritivo e é irrelevante consultar imagens publicadas, pois a experiência corporificada se sobrepõe às teorias prévias.

O significado desta arquitetura, sua possibilidade de apreensão, aposta na empatia (Einfühlung), depende da verificação “in loco” e é reconhecido somente quando o sentido dominante da visão é mediado pela apreensão corporal primária. A obra arquitetônica propõe que o significado não seja algo intelectual, uma questão formal de relações proporcionais ou valores estéticos abstratos. A apreciação da arquitetura se encontra além e o desvendamento da obra só pode ser compreendido a partir de participação afetiva e sensual. Como sugere maneiras de articular questões éticas pertinentes à nossa própria

# **A CRÍTICA É UM PROJETO CONTEMPORÂNEO**

---

## **Projeto como investigação**

### **Eixo/Atitude: PROPOSIÇÃO**

experiência de espaço, exige desprendimento e prudência para reduzir seu conteúdo a uma leitura instrumental. O corpo é parte da compreensão.

A arquitetura conectada com a cultura do Brasil investe na experiência. O espaço disponibiliza um caminho para os sentidos e para a razão. E esta disponibilidade supera as limitações da resolução de problemas, propõe questões: desperta o reconhecimento de arquiteturas históricas que ambientaram a sociabilidade em um passado remoto e seguem na memória como experiência de espaço — seja a arquitetura viril, rude e acolhedora dos mestres de obra portugueses imigrantes; seja a arquitetura generosa dos espaços coletivos dos povos indígenas; seja a arquitetura de geometrias essenciais dos negros africanos. Isto envolve uma antropologia do espaço ligada, diretamente, tanto às decisões espaciais pertinentes ao tema funcional a que se referem como ao que querem abarcar e simbolizar.

Esta condição antropológica a que os edifícios atentam, incorpora, em si mesma, uma realização inventiva, cuja condição assinala para a imaginação uma condição identitária, uma subjetividade formada pela experiência e em necessária transformação, que é a marca de um compromisso com a obra como ação sempre inaugural.

### **A construção da cidade**

É na instância de sua expressão coletiva que um olhar à arquitetura mostra que, em seu projeto, comparece o desejo,<sup>15</sup> o desejo da alegria e do prazer da cidade, como aquilo que move o processo criativo a favor da socialização do espaço. A arquitetura nunca está só, mas atrelada às trajetórias dos indivíduos sócio-históricos e à possibilidade de construir destinos coletivos.

Em uma arquitetura comprometida com a experiência do espaço no Brasil, a arquitetura e o urbanismo são conhecimentos solidários. Este modelo de procedimento define que a forma da arquitetura está plasmada sempre por uma dinâmica “intra” e “extra” arquitetônica, e o que está em questão não é somente a arquitetura como construção, senão a contemporaneidade como tal, sob os aspectos com que a arquitetura constrói e interpreta espacialmente a cidade.

Para o arquiteto brasileiro moderno o edifício constrói a cidade, Este raciocínio olha para a necessidade de re-estruturação da sociedade e é também anúncio da consciência de que, à amplitude de referências que incidem sobre as necessárias respostas arquitetônicas que o projeto deve formular, o edifício precisa, necessariamente, revigorar a estrutura urbana, assumir como sua a possibilidade do espaço acolher e privilegiar relações sociais sem segregação.

# **A CRÍTICA É UM PROJETO CONTEMPORÂNEO**

---

## **Projeto como investigação**

### **Eixo/Atitude: PROPOSIÇÃO**

A experiência do espaço brasileiro, incorporada pela modernidade, resultou em um diálogo da arquitetura com o entorno e a inauguração do edifício como fato urbano, assim explicitado:

- A relação entre o edifício e a cidade é valor de crítica e transformação da monotonia do traçado em grelha. O edifício pode ser exemplar ao negar a quadra como elemento estruturador e organizador do desenho da cidade, e propor arquiteturas com poder de revitalizar o espaço e prever sua transformação;
- O edifício organiza o entorno urbano, se abre à lógica das transformações urbanas, reconecta o tecido urbano e dá continuidade ao piso da cidade;
- O edifício se ergue sobre pilotis. A preservação do solo livre testemunha a intenção de que o edifício não necessita repetir a lógica do traçado cartesiano em grelha, mas ampliar e reafirmar que o espaço sob a construção é tão público quanto o espaço que o circunda; ao mesmo tempo nega e desconstrói o confinamento das fachadas planas e das ruas de única perspectiva.
- O edifício tem que, necessariamente, manter a vitalidade dos espaços públicos, consolidar a experiência da vida coletiva. Para isto, alguns elementos, definidos para a estruturação da cidade se incorporam aos espaços privados, aos espaços da intimidade, metamorfoseando as tradicionais dimensões e configurações dos edifícios. Nessas arquiteturas, os espaços internos são livres, amplos, generosos, e estruturas como ruas, praças, elementos retóricos ou monumentos são reconhecíveis pela finalidade política e estética dos “edifícios que se querem como as cidades”<sup>16</sup>. A inclusão de componentes urbanos na configuração arquitetônica deriva em formulações e especulações sobre a complexidade do espaço do edifício, e enfatiza a importância da dinâmica da cidade como objeto de investigação e como unidade de máxima dimensão cognitiva e agregativa do habitat humano.

Esta modernidade não recusa a cidade tradicional. A permanência seja pela relação interdependente que o edifício estabelece com a cidade, seja pela introversão ao espaço interno dos elementos que estruturam a cidade tradicional, é uma tentativa de compreender a contradição inerente e a potencialidade urbana dos dois modelos.

A modernidade que aqui se propõe é inclusiva: tem vocação plena tanto a um processo de constante modernização como à valorização da condição prosaica da vida.

# A CRÍTICA É UM PROJETO CONTEMPORÂNEO

---

## Projeto como investigação

### Eixo/Atitude: PROPOSIÇÃO

#### Bibliografia

CRITELLI, Dulce Mára. Analítica do sentido – Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica, © Dulce Mára Critelli, São Paulo: EDUC/Brasiliense, 1996.

GARCÍA LEAL, José. Arte y experiencia, Granada: Editorial Comares, 1995.

GINZBURG, Carlo. Miti emblemici spie Turín: Einaudi, 1986; [trad. cast. de C. Catropi]. Mitos, Emblemas, Indicios, Barcelona: © Editorial Gedisa, 1994.

JARAUTA, Francisco [ed.]. Otra mirada sobre la época, Murcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos/Librería Yerba/Cajamurcia, 1994.

MORIN, Edgar. Introduction a la pensée complexe, Paris: © EFS Editeur, 1990; [trad. cast. de Marcelo Pakman]. Introducción al pensamiento complejo Barcelona: Gedisa, 1995.

ORTEGA Y GASSET, José. Meditación de la técnica, Madri: Revista de Occidente, 1961, 4ª ed.

PAREYSON, Luigi. Estetica, teoria della formatività, Milán: Grupo Editoriale Fabbri, Bompiani, Sozegno, Etas, 1988; [trad. bras. João Ricardo Moderno]. Estética — Teoria da formatividade, Petrópolis: Vozes, 1993.

SONTAG, Susan. Against Interpretation, 1964, trad. esp., Contra la interpretación, Madri: Santillana, 1996.

---

<sup>1</sup> «a unidade da multiplicidade aleatória», segundo Frederic Jameson e Theodor W. Adorno, in Albrecht Wellmer, Contribuição à crítica da dialética entre o moderno e o pós-moderno – Crítica à razão ulterior a Adorno, in revista Arquitetura e Conhecimento nº 5, Brasília: Alva, 1997, p. 69.

<sup>2</sup> «O sujeito da experiência torna-se *ratio* (original em cursiva) enquanto lugar de produção e artefatos. A redução do homem a *subjectum* (original em cursiva), a ponto arquimediano abstrato, transfere definitivamente a experiência para fora do indivíduo encarnado: "Surgiu um mundo de qualidades sem homens, de vivências sem quem as vive [...], o ser humano já não vive nada pessoalmente [...] e se dilui num sistema de fórmulas de significados possíveis", escreve Musil, em *O homem sem qualidades* (original em cursiva)», Olgária Chain Féres Matos, Descartes: o eu e o outro de si, in Aauto Novaes (org.), A crise da razão, obra. cit., p. 209.

<sup>3</sup> «[...] La arquitectura de este siglo [...] cumple la misión explícita de fenomenizar y determinar el espacio en relación con funciones existenciales.» Giulio Carlo Argan, "Hacia la fenomenización del espacio", in El concepto del espacio arquitectónico desde el Barroco a nuestros días, curso no Instituto Universitario de Historia de la Arquitectura de Tucumán, 1961; [ed. cast de L. Rainis]. Buenos Aires: Nueva Visión, 1973, p. 167.

<sup>4</sup> «La interpretación, basada en la teoría, sumamente cuestionable, de que la obra de arte está compuesta por trozos de contenido, viola el arte. Convierte el arte en artículo de uso, en adecuación a un esquema mental de categorías.», Susan Sontag, Against Interpretation, 1964; Contra la interpretación, in trad. esp., Contra la interpretación, Madri: Santillana, 1996, op. cit. p. 34.

# A CRÍTICA É UM PROJETO CONTEMPORÂNEO

---

## Projeto como investigação

### Eixo/Atitude: PROPOSIÇÃO

---

<sup>5</sup> «Todas las condiciones de la vida moderna – su abundancia material, su exagerado abigarramiento – se conjugan para embotar nuestras facultades sensoriales. Y la misión del crítico debe plantearse precisamente a la luz del condicionamiento de nuestro sentidos, de nuestras capacidades (más que de los de otras épocas)». Susan Sontag, *Contra la interpretación*, in *Contra la interpretación*, op. cit. p. 39.

<sup>6</sup> «Si nos atenemos al juego estético llevado a cabo por el artista, el productor de obras de arte, es evidente que su juego sólo cumple en la creación. En su caso no hay juego sin creatividad. ¿Y en el espectador, cuya participación en el juego se limita a la recepción de las obras? No es creador en la acepción estricta de la poesía. Sin embargo, está invitado a serlo por vía participativa, recreando la obra que se ofrece a su consideración.», José García Leal, *Arte y experiencia*, Granada: Editorial Comares, 1995. pp. 137-138.

<sup>7</sup> «[...] a leitura tem um carácter por assim dizer "artístico" (original entre aspas). [...] ler só tem sentido como penetrar executando, compreender dando vida, compreender traduzindo. [...] A diferença entre leitura e crítica consiste no fato de esta última ser leitura dotada de uma consciência metodológica [...]», Luigi Pareyson, *Estética, teoria della formatività*, Milán: Grupo Editoriale Fabbri, Bompiani, Sozegno, Etas, 1988; [trad. bras. João Ricardo Moderno]. *Estética — Teoria da formatividade*, Petrópolis: Vozes, 1993, pp. 258-259.

<sup>8</sup> Uma Epistemologia aberta, ou seja, «[...] el lugar tanto de la incertidumbre como de la dialógica», Edgar Morin, *Introduction a la pensée complexe*, Paris: © EFS Editeur, 1990; [trad. cast. de Marcelo Pakman]. *Introducción al pensamiento complejo*, Barcelona: Gedisa, 1995, p. 73.

<sup>9</sup> A expressão é de Edgar Morin, in *Introducción al Pensamiento Complejo*, op. cit.

<sup>10</sup> «Perceber o ser — seu próprio e dos demais entes —, como manifestação, é percebê-lo como algo que é para si mesmo (original em cursiva) problemático, que lhe é dado como questão, como algo não transparente e definitivo», Dulce Mára Critelli, *Análítica do sentido – Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*, © Dulce Mára Critelli, São Paulo: EDUC/Brasiliense, 1996, p. 48.

<sup>11</sup> Jacques Derrida, *El outro cabo* in Francisco Jarauta [ed.]. *Otra mirada sobre la época*, Murcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos/Librería Yerba/Cajamurcia, 1994, p. 91 e 100-101.

<sup>12</sup> Carlo Ginzburg. *Miti emblematici* Turín: Einaudi, 1986; [trad. cast. de C. Catroppi]. *Mitos, Emblemas, Indicios*, Barcelona: © Editorial Gedisa, 1994, pp. 164 e 167.

<sup>13</sup> Lúcio Costa.

<sup>14</sup> Oswald de Andrade.

<sup>15</sup> «Cidades felizes ou infelizes; não faz sentido dividir as cidades nessas duas categorias, mas em outras duas: aquelas que continuam ao longo dos anos a dar forma aos desejos, e aquelas onde os desejos conseguem cancelar a cidade ou são por esta cancelados», Italo Calvino, *Cidade invisíveis*.

<sup>16</sup> Conceito defendido por Aldo Van Eyck, arquiteto holandês, e Vilanova Artigas, arquiteto paulista, cuja origem remonta a Leon Batista Alberti.